

Anotações sobre Psicanálise da Cultura (2) – Ainda sobre a Arte.

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Vimos no artigo anterior a existência de duas correntes emocionais mais relevantes no processo do fazer artístico: o sentimento inconsciente de *se apropriar do objeto do desejo* e, ainda, o de *amá-lo ou de ser amado por ele*. Levantei a questão se não seriam esses dois motivos o bastante para dar à arte um lugar especial nas nossas vidas emocionais.

Afirmei que para psicanálise já seria o bastante, afinal como nos disse Freud: *“nada daquilo que não fale à nossa vida emocional tem valor”*.

Lembrei que “possuir” o objeto do desejo, ou ainda, poder manter um vínculo de amor com ele, nos coloca na dimensão da *Realização dos Desejos* gerando o *Prazer*. E que esse último é a recompensa maior para o sujeito. Sujeito esse que é para nós sempre *sujeito de um desejo*, ou melhor, *sujeito do desejo*. Nesse sentido podemos supor que a humanidade manteve e mantém com a arte, desde seus primórdios, uma relação emocional de grande vulto e abrangência. A mesma irá se irradiar, praticamente, para todos os campos expressivos da cultura, se propagando pelos quatro cantos do mundo e tendo uma enorme abrangência dentro da civilização.

Num registro de livros de anotações datados a partir de 1901, Freud faz o seguinte recorte: *“a ideia de que a arte originalmente sempre foi tendenciosa e que essas tendências se perderam (...)”*. E mais adiante num apontamento expresso com o título de *“Tendências Perdidas na Arte”*, em que segundo a psicanalista Ilse Grubrich-Simitis, Freud reúne numa página inteira alguns pensamentos sobre essas tendências. Quais não sejam: sobre as funções religiosas, políticas e sociais em que a arte nos tempos antigos deveria preencher. Isso, enquanto propiciadora de magia por meio de imagens, enquanto oferenda, objeto de culto, cântico de louvor, signos de posse, de linhagem, etc.

O que se entende quando Freud fala em *“tendências perdidas”*?

No meu pensar ele se refere a tempos mais longínquos dentro da história da humanidade, onde a linguagem já foi mais *pictórica*¹, ou seja, expressa visualmente ou por meio de imagens. Como afirmou o grande Aristóteles “o objetivo da arte não é apresentar a aparência externa das coisas, senão o seu significado interno; pois isto, e não a aparência e o detalhe externos, constitui a autêntica realidade”.

Me valho desse pensamento aristotélico para elucidar o que Freud quis dizer com as *tendências perdidas da arte*. Ele se refere a uma época em que a arte tinha uma função maior de retratar a realidade e mesmo de significá-la.

Nos exemplos que Freud enumera dessas tendências perdidas da arte quando nos fala, por exemplo, de *signos de linhagem*, temos o rico campo da *heráldica*² com toda sua riqueza de desenhos brasonados. Outro exemplo que posso dar com relação a *signos de posse* são os tão famosos e ilustrativos *Pubs*³ na Grã-Bretanha. Uma grande maioria deles têm até hoje estampado nas suas entradas uma tabuleta com o desenho que representava o nome do estabelecimento. Por exemplo: O Pub *Porcupine* em Londres tem o desenho de um Porco espinho, o *Black Horse* a figura de um cavalo negro e assim por diante. E essas figuras tinham, evidentemente, uma função social, pois naqueles idos tempos grande parte da população no Reino Unido não sabia ler, e desse modo, podiam os clientes reconhecer facilmente o estabelecimento que procuravam.

No campo dos *objetos de culto e oferendas* são incomensuráveis os exemplos dessas expressões artísticas, desde as imagens dos diversos deuses das mais diversas culturas e épocas, representado em seus templos. Desde a antiguidade clássica, passando pela conhecida e riquíssima arte sacra até os dias atuais onde os artesanatos pelo mundo afora oferecem toda sorte de imagens, figuras e utensílios que servem ao exercício de representação de cultos e oferendas.

¹ Que diz respeito à pintura; que se assemelha à pintura. Por extensão seria aquilo que é representado por imagens.

² **Heráldica** refere-se simultaneamente à ciência e à arte de descrever os brasões de armas ou Escudo de um determinado clã ou linhagem. Foi desenvolvida na Europa a partir do século XII e tinha essa função identificadora.

³ **Pub** deriva do nome formal inglês "*Public House*". São estabelecimentos licenciados para servir bebidas alcoólicas, originalmente em países e regiões de influência britânica.

Dentro do campo político também são infindáveis as expressões, tendências e os cenários aonde a arte desempenhou um papel importante, muitas vezes, de uma relevância crucial: as pinturas rupestres em cavernas, os famosos painéis de arte egípcia e greco-romana onde se registrava narrativas dos acontecimentos políticos (*das Polis*). Temos as diversas estátuas equestres de nobres, guerreiros e cavaleiros famosos, como, o tão conhecido *El Cid*. Os bustos que vão dos césaes aos líderes atuais. Os quadros que retratam batalhas, naufrágios, triunfos militares, revoluções e onde os cenários históricos e seus diversos protagonistas e personagens estão lá representados.

Com isso quero aqui demonstrar o raciocínio freudiano de como esse *status* da arte como força motriz, ponto axial, liame referencial dos mais diversos acontecimentos da nossa civilização, foi, paulatinamente, se *deslocando* para ocupar um território próprio dentro do campo das belas artes, nas escolas de arquitetura, *designs*, teatro, cinema, música, etc. Possuindo uma plena existência nos concorridos Centros Culturais e Espaços de Artes. Nos famosos ateliers, galerias de arte, museus. Marcando sua presença nos glamorosos vernissages, lançamentos, feiras e exposições. É a Arte como *princípio e fim em si mesmo*.

Não obstante, mesmo tendo encontrado seu espaço propriamente dito, onde existe soberana por ela mesma, a Arte, nunca perdeu ou perderá, seus estreitos e inalienáveis vínculos de referencial crítico do tempo e de época em que está inserida. Foi, é e será sempre uma poderosa ferramenta tanto de exaltação como de denúncia dos caminhos e descaminhos da civilização.

Nesse sentido, o gênio subversivo de Freud conhecia bem esse papel histórico e de resistência que a arte deveria continuar a ocupar. Função promissora, sobretudo, em meio a um futuro em que via os bens culturais tão ameaçados – do mesmo modo que sua própria e jovem ciência, a *Psicanálise* – pelas forças obscuras e bestiais que se avolumavam com a ascensão do nazi fascismo.

Parece que esse comportamento tão ameaçador de *barbárie* que atinge a civilização de tempos em tempos e que visa simplesmente destruir o que a civilização arduamente constrói, irá exigir sempre e de modo incansável, o papel vigilante das forças civilizatórias onde a Arte repousa em berço esplêndido.

Berço da nossa civilização e não a sua sepultura:

“Aí de mim, uma pobre pátria! Quase treme, só de pensar em olhar para si mesma. Em vez de nosso berço, terá de ser chamada nosso túmulo. A ninguém se vê sorrindo, nunca, à exceção daqueles que nada sabem⁴. Soluços e gemidos e gritos dilaceram o ar e passam despercebidos. A tristeza mais violenta parece uma emoção corriqueira. Quando dobram os sinos por algum finado, dificilmente alguém pergunta quem expirou. E expiram-se as vidas dos homens de bem antes de fenecerem as flores de seus chapéus. Morrem antes de adoecer”.⁵

Macbeth. Shakespear (Ato IV, Cena III).

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).

⁴ Grifo meu

⁵ Qualquer semelhança com os tempos atuais não é mera coincidência.